

ESGRIMA



Na última 5.ª feira os amadores d'esgrima reuniram-se n'um banquete, no *Hotel Universal*, com o fim de sollemnizarem os progressos da esgrima em Portugal, e de se reunirem para desenvolverem por todos os modos o gosto das armas.

N'um brinde aos esgrimistas portuguezes, Mariano Pina fez-lhes ver que tinham no seu gremio o germen da futura transformação do ensino em Portugal; que a exemplo do que se faz hoje em França, a *educação physica* nos nossos lyceus deverá occupar um logar tão importante como a *educação moral*; e que muito breve se ha de comprehender, que é tão util a um rapaz saber *rhetorica* ou *latim*, como saber jogar a espada e atirar a pistola — porque todo o individuo tem obrigação de estar preparado para poder defender a sua honra... ou a honra da sua patria.

Como vêem, os esgrimistas portuguezes, que já são muitos, constituem hoje a verdadeira *élite* da mocidade portugueza. Passam o seu tempo, as suas horas de recreio, no mais nobre e no mais brilhante dos divertimentos. Comprehenderam que a mocidade não pôde illustrar-se, nem nas esperas de gado, nem nas partidas do Dafundo, nem na batota dos clubs.

Hoje, os esgrimistas são um pequeno grupo; amanhã serão uma legião. E quando amanhã elles forem os triumphadores, mais ruidosos e mais entusiastas ainda hão de ser os bravos que hão de saudar o nome de Antonio Martins — o sympathica e brilhante professor, ao qual devemos a propagação da esgrima em Portugal.

A BARONEZA DE VERSCERA



A BARONEZA DE VERSCERA, de quem damos o retrato, é a linda viennense que originou o terrível drama de Meyerling. Era por ella que estava apaixonado o archiduque Rodolpho, que chegou a propor a seu pae, o imperador Francisco-José, o renunciar a herança do throno austro-hungaro, e casar com a baroneza, depois de obter de Roma o divorcio com a príncessa Estephania, filha do rei Leopoldo, da Belgica. Foi em vista da recusa formal do imperador, que os dois amantes resolveram suicidar-se. A baroneza Verscera tinha dezenove annos d'idade.

O jejuador Succí

Se ó que dizem não fôr *pala*,
Vae Lisboa tambem vêr
O tal Succí, que faz gala
De estar tempos sem comer.

Tem bom gosto o *dito amigo*,
Mas de certo não sou eu
Que ponho os callos em perigo
P'rá ir vê-lo ao Colyseu.

Primeiro, porque não vejo
Que tenha prazer algum,
Ou possa causar desejo,
Vêr um *pandego* em jejum.

E segundo, porque o *bagó*
Não posso medil-o á raza,
E estou farto, sem ter pago,
De vêr jejuns cá por casa:

Professores?... Conheço tantos
A lidar p'r'ó rei da Prussia,
E sem comer! Quer o Santos
Um Succí não,—uma *sucia*?!

Amamenses? Se o Diaz
Em famintos tem *filé*,
Vá á Arcada em manhãs frias,
E alli, da mão para o pé.

Descobrirá, com certeza,
Mais de um famoso exemplar,
Que, ha muito, não vê na meza
Ceia, almoço ou jantar...

É muito em conta: uma ceia
Ou no Baltresqui, ou no Púcci,
Tem-se logo duzia e meia
De rivaes do *signor Succí*.

Pense a Empresa! Se o seu homem
Só trinta dias jejúa,
Como quer que a serio o tomem
Mesmo os garotos da rua?

Cá p'ra mim é caso assente:
—Vae corrido o italiano
D'este paiz onde ha gente
Que não come ha mais de um anno!

DEMOCRITO

Por ahí...

Corre com insistencia que vão sahir do gabinete o ministro da fazenda, o da justiça e o das obras publicas.

O das obras publicas sae por causa da questão dos vinhos do Porto.

O da fazenda sae por via d'uma questão de jogo de fundos.

O da justiça é que não se sabe positivamente por que sae, mas desconfia-se que seja por causa da sua inexcusavel formosura.

A belleza peregrina do sr. Beirão tem dado coca a milhares e milhares de corações femeninos e anda por ahí uma legião de damas derramadas por que elle saia do gabinete progressista—e entre no gabinete particular.

Temos pois que o sr. Navarro sae por causa da questão do vinho, o sr. Marianno por motivo da questão do jogo de fundos e o sr. Beirão por via das damas.

Que tres vicios, e que soberbo titulo para um drama: *Vinho, mulheres e jogo!*



Emquanto o publico se vê obrigado a fazer cabriolas para atravessar a rua do Oiro — bem vac a coisa. Mas o mais divertido ha de ser, quando uma boa epidemia rebentar na cidade, graças ao interesse com que a nova companhia do gaz nos põe a nu, á luz do sol, os insondaveis mysterios dos canos d'esgoto.

Santo paiz, em que as nossas vidas estão á mercê de todas as cabriolas financeiras de qualquer companhia poderosa!... Qu'importa uma epidemia na cidade, se é a camara que assim o quer, se é a nova ou a velha companhia que com isso ganha mais uns centos de contos... E viva a pandiga!...

Caso extranho

Perde-se ahí n'essa rua
Um canito corriqueiro;
Logo a dona que o possuia
Offrece grosso dinheiro
A quem ache e restitua
O seu qu'rido fraldiqueiro!

Da gaiola foge um dia
Um papagaio d'Angola;
E a dona logo annuncia
Que lh'o tragam, p'ra gaiola;
Pois dará gossa maquia
Por tão linda passarola!

Raspa-se um bichano ingrato,
Com medo d'agua, ou do lume;
E a dona, botando moto,
Offrece bago em cardume,
A quem torne a pôr-lhe o gato
No seu poiso do costume...

Do thesoiro — que confrontos! —
P'ra sitio pouco distante,
Deu-se um caso entre dois pontos
Que perderam de rompante
Duzentos e trinta contos
Em bello metal sonante!

Perder tal bago — abrenuncio! —
Fôra caso — sem malicias —
P'ra pedir preces ao nuncio,
Protecção a mil policias...

.....
— Nem sequer botam annuncio
No Diario de Noticias!!!



Esta camisa d'onze varas da imprensa, em que andamos diariamente enterrados — não nos deixou assistir á inauguração da camisaria a vapor do sr. Pereira da Costa, para o que recebemos um amavel convite. Mas applaudimos a sua empreza, para ver se havendo no mercado maior numero de camisas, em Lisboa possamos ver mais camisas lavadas, tanto nas gentes, como na politica, nas artes, nas lettras e até nas industrias!

SOARES DOS REIS



Columbana
1227.



A Redacção dos Pontos nos ii presta a sua derradeira homenagem de respeito e de admiração ao grande escultor portuguez Soares dos Reis. No nosso acanhado meio artistico, onde os raros talentos teem de viver isolados, para se não cruzarem a cada instante com as mediocridades conselheiras e triumphadoras, que os offendem com a audacia das suas influencias officiaes — Soares dos Reis era um poderoso talento que luxia honra ao seu paiz, que a França distinguiu nas suas exposições de Arte, e a quem a Hespanha conferiu a grande medalha de ouro, quando elle em Madrid expoz o *Desterrado*.

A sua fortuna artistica, dentro do seu paiz, define-se com este traço, de que a Historia se ha de apode- rar, para vergonha do nosso tempo — um dia viu-se obrigado a ir empenhar a um *prégo* do Porto, a *medalha de ouro* com que a Hespanha o havia distingui- do!...

E depois dos dissabores, das illusões perdidas, das luctas infructiferas com a Academia do Porto para a reforma do ensino da esculptura n'aquelle estabelecimento do Estado, — foi pedir á vida do *ménage* o socego e a felicidade que não encontrara na vida artis- tica.

E de desillusão em desillusão; incomprehendido dos grandes da sua terra; incomprehendido d'aquelles que de perto o tratavam — Soares dos Reis só encontrou uma soluçõ no Suicidio, só encontrou allivio na Mor- te!...

Desgraçado e grande artista!... Que aquelles que viesem depois de ti, saibam tirar da tua vida dolorosa, a dose sufficiente de scepticismo que é preciso ter, pa- ra saber dominar os homens — desprezando-os!...

COMPENDIO
DA
EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA
EM
PARIS

Para os artistas, industriaes, agricultores e para aquelles que a não souberem, a qual todo o christão portuguez para se salvar deve saber, crer e entender.

LIÇÃO I



Pelo signal † da Santa Exposição, livre-nos Melicio Noso Senhor, de nossos † inimigos. Amen.



P. — Sois industrial?

R. — Sim, pela graça de Melicio.

P. — Quem é Melicio?

R. — E' um Soberano Visconde, Creador da Exposição da Avenida e de Paris, e de todas as exposições visiveis e invisiveis.



P. — Ha muitos Melicios?

R. — Não ha mais que um só, authentico.

P. — Onde está Melicio?

R. — Na Industrial, na Avenida, no Commercio, nos Tabacos, no Gaz, em Paris, e em todo o logar.

P. — Melicio sempre tem sido?

R. — Sim, porque Melicio não teve principio nem ha de ter fim.

P. — Para que nos criou Melicio?

R. — Para o conhecermos, amarmos e servirmos na

Exposição da Avenida, e o gozarmos depois em Paris para sempre.



P. — Quantas são as *melicias* da Santíssima Trindade.



R. — São tres: Melicio Padre. Silva Industrias Filho e Gomes de Brito Espirito Santo.

P. — Melicio Padre é Melicio?

R. — Sim.

P. — Silva Industrias Filho é Melicio?

R. — Sim.

P. — Gomes de Brito Espirito Santo é Melicio?

R. — Sim.

P. — Pois são tres Melicios?

R. — Não, mas são tres *melicias* distinctas, e um só Melicio verdadeiro.



LIÇÃO II

P. — Qual das tres Divinas Melicias se fez Homem?

R. — O Silva Industrias Filho.

P. — Onde se fez Homem?

R. — No cerebro Purissimo de Fradesso da Silveira.

P. — Para que se fez Homem?



R. — Para poder installar e ornamentar exposições, e assim nos remir do peccado do bom gosto e nos merecer a banalidade eterna.

P. — Por obra de quem se fez o Homem de Paris?

R. — Por obra e graça de Melicio Padre.

P. — Onde está Silva Industrias Filho?

R. — Emquanto Silva está no Ministerio das Obras Publicas, e emquanto Industrias Filho está na Avenida e em Paris.

P. — Que entendeis vós por Paris?

R. — Entendo uma terra d'asnos consagrados, de herejes da Arte, de barbaros da Industria, onde Industrias Filho será o soberano sol creador e salvador d'essa terra infecunda onde só idiotas vegetam.

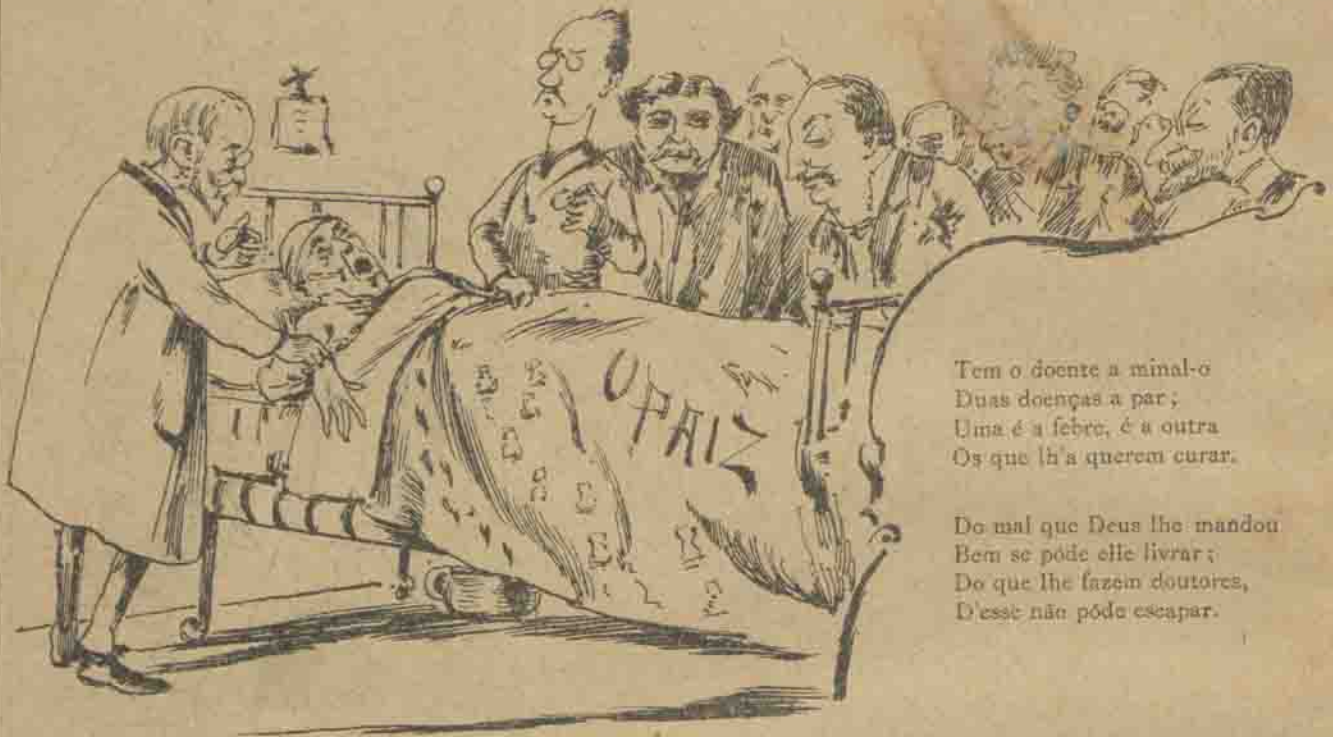
(Continua no proximo numero).



O LIVRO DAS SOLEDADES

POR FERNANDES COSTA

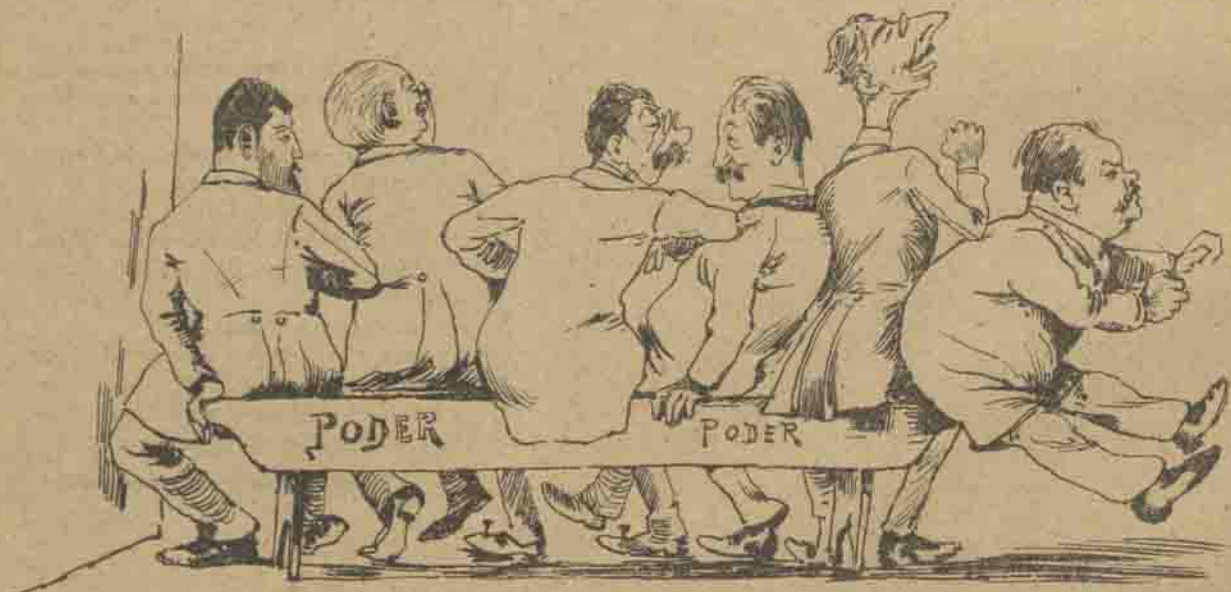
Do magnífico *Livro das Soledades*, de Fernandes Costa, tiramos aqui duas quadras, pezarozos por não termos espaço bastante para illustrar todos os primores de sabedoria que esse volume encerra:



Tem o doente a minal-o
 Duas doenças a par;
 Uma é a febre, é a outra
 Os que lh'a querem curar.

Do mal que Deus lhe mandou
 Bem se pôde elle livrar;
 Do que lhe fazem doutores,
 D'esse não pôde escapar.

A CRISE



RAPHAEL BORBALLO PINHEIRO

Estão como os rapazes da escola... fazendo azeite.